

## Cidinha da Silva

Escritora e dramaturga. Autora de *#Parem de nos matar!* (2016), *Baú de miudezas, sol e chuva* (2013), entre outros. Organizou também *Africanidades e relações raciais: Insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil* (2014). Doutoranda em Difusão do Conhecimento na Universidade Federal da Bahia.

## lcu e o menino que furtava livros

Em *A menina que roubava livros*, a mãe de Liesel Meinger, personagem principal, era comunista e sofria perseguição nazista. Seus filhos, como ela, várias vezes escaparam da morte no período de 1939 a 1943.

A violência se alastrava como erva daninha por todos os cantos da Alemanha e a morte, perplexa diante da degradação humana, resolveu narrar a história de Liesel. A menina driblava seu cheiro exalado das valas comuns, dos corpos de homossexuais, descapacitados, comunistas, judeus e todos os adversários do nazismo, incinerados nas câmaras de gás.

A morte, então, acompanha a trajetória dos livros que escapam das grandes fogueiras públicas promovidas pelo Estado e a forma como Liesel os resgata, assim como rouba outros de bibliotecas e passa a alimentar-se do perfume de vida difundido pelas mentiras deliriosas e encantadoras contadas nas obras literárias.

No Brasil, 71 anos depois da Segunda Guerra Mundial, Alex Santana, não teve a mesma sorte de Liesel e foi preso ao furtar três livros em uma livraria de shopping soteropolitano. Segundo declarações prestadas na delegacia, foram três livros naquele momento, mas o menino

já havia furtado outros sete. Todos para estudos. O texto da notícia enfatizava o gênero das obras furtadas, ficção.

Icu, pesarosa, testemunha do desfalecimento do desejo de voar do menino, perguntava: quem decretou que só se estuda em manual ou livro didático? Se alguém rouba um pão francês é porque tem fome, mas se rouba um chocolate ou sorvete é porque tem febre de riqueza e luxo? E Icu mesma respondia: é que no furto praticado pelos pequenos, o sonho e a delícia não são permitidos.

Icu, testemunha da luta de Alex pela sobrevivência, resolve defendê-lo na justiça, pois que, sem recursos para pagar fiança, mandaram o menino para o presídio da Mata Escura, onde os dias não amanhecem e as noites de lua desconhecem a ternura.

Disse Icu na peça de defesa do menino-leitor: todos os videntes um dia serão meus, é a lei da vida. Mas a alguns, como Alex, a vida, minha antagonista, me aproxima pelas iniquidades impostas ao caminho. Essa gente integra coletivos de pessoas expostas à precariedade, ao racismo, aos abusos, à violência. Gente que sobrevive por teimosia.

A vida tentou me convencer a levar Alex há muito tempo. Tantos meninos iguais a ele fui obrigada a levar, quando as mães não conseguiram fazer pré-natal, quando nasceram e não foram pesados e cuidados nos postos de saúde como todas as crianças deveriam ser. Quando a família não pôde alimentá-los como mereciam. Quando as doenças típicas da miséria os acometeram. Quando escaparam das chacinas, pela graça de minha irmã, a sorte, que em fração de segundo desviou-os por uma rua lateral quando o morticínio estava prestes a ocorrer.

A vida, como veem, insiste em entregá-los a mim, na bandeja, como prato frio e amargo. Eu me recuso a comer, mas a vida insiste. Eles me driblam como grandes jogadores que aprendem a ser e conseguem adiar minha chegada. De tanta insistência da vida, sou convencida e os levo. Cedo demais, admito.

Meu cliente, senhoras e senhores jurados, ao furtar três livros de ficção, em ato extremo de resistência ativa ao nada que lhe é destinado pela vida, afirma que, de todas as mentiras empurradas pela garganta (sobre a inexistência do racismo ou a existência da igualdade, da justiça, do equilíbrio no julgamento do delito, de tratamento humano para seres humanos), a literatura é a mentira menos danosa. Por isso, peço sua absolvição.

[PUBLICADO NO BLOG DA CIDINHA EM 12/02/2014. DISPONÍVEL EM: [HTTP://CIDINHADASILVA.BLOGSPOT.COM.BR/2014/02/ICU-E-O-MENINO-QUE-FURTAVA-LIVROS.HTML](http://CIDINHADASILVA.BLOGSPOT.COM.BR/2014/02/ICU-E-O-MENINO-QUE-FURTAVA-LIVROS.HTML).

PUBLICADO TAMBÉM NO SITE GELEDÉS NA MESMA DATA. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.GELEDES.ORG.BR/ICU-E-O-MENINO-QUE-FURTAVA-LIVROS-POR-CIDINHA-DA-SILVA/#GS.T6HKE7Q](http://WWW.GELEDES.ORG.BR/ICU-E-O-MENINO-QUE-FURTAVA-LIVROS-POR-CIDINHA-DA-SILVA/#GS.T6HKE7Q)]

## o homem da mudança

Era a segunda vez em oito meses que Seu Nelson era carregador daquela mudança. Na primeira fora contratado pela empresa do filho, na segunda pela empresa do pai.

O conjunto de calça bege e camisa cinza, cinto escuro que apertava a roupa em suas carnes magras era o mesmo da primeira mudança. Aqueles músculos deviam ser muito fortes para aguentar tanto peso, ou a necessidade gerava a força? Era a pergunta que me fazia. Interessante era que ele trabalhava de sapato, o primeiro, preto, o de agora, marrom. Em comum, ambos pareciam ser um pouco maiores do que os pés dele. Eu pensava como aqueles sapatos deveriam ser desconfortáveis e me perguntava por que ele não usava tênis, de preferência com amortecimento para impacto.

Quando ofereci bananas ele aceitou de pronto. Disse que quando saía de casa para carregar caminhão sempre comia uma banana porque tinha muita proteína. Falei sobre o potássio, o efeito preventivo às câimbras. Então, conversamos sobre

câimbras e ele contou dois casos de gente conhecida que morrera afogada por conta de câimbras que as impediu de nadar.

Diante das centenas de livros carregados ele já havia brincado: quem disse que o conhecimento não pesa é porque nunca carregou uma caixa de livros da senhora. E riu seu riso de poucos dentes bons.

A mudança já estava na fase das caixas mais leves que não chegavam a ser propriamente frágeis, essas já haviam seguido para lugar específico do caminhão, e seu Nelson me perguntou o que havia em determinada caixa. Olhei e não me lembrei só de olhar. Pedi a ele que lesse o que estava escrito no papel pregado na parte de cima. Ele, intimidado, disse, onde, aqui, enquanto firmava a caixa no Joelho com uma mão e passava a outra no papel que não estava amassado. Eu, displicente, disse, sim, seu Nelson, leia aí.

Ele não leu. Passaram-se uns segundos eternos de silêncio até que me desloquei para identificar a caixa da impressora. É uma lembrança que não me larga todas as vezes que alguém menciona o peso do conhecimento.

[PUBLICADO NA REVISTA FÓRUM N.205, EM 16/07/2015. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.REVISTAFORUM.COM.BR/SEMANTAL/O-HOMEM-DA-MUDANCA/](http://WWW.REVISTAFORUM.COM.BR/SEMANTAL/O-HOMEM-DA-MUDANCA/)]

## o homem azul do deserto

Bodô, meu irmão, descobri sua origem. Você é Tuareg! Tuareg do Vale do Jequitinhonha.

Como descobri? Por acaso estelar. Pera que te conto. Escrevi o livro do Manu, um menino que pescava estrelas no céu do Mali, do Burkina Faso, do Níger, de algum lugar por ali. Coisa que para nós, de Minas, gente que não tinha mar antes da lama em Mariana, era a invenção mais natural do mundo.

Pois bem, o desejo de Manu pescar estrelas foi inspirado por lenda do povo Tuareg, que diz que os Homens Azuis do Deserto, como são conhecidos, quando se perdem nas areias profundas do Norte da África, espetam uma estrela com a lança e ela os guia no caminho de volta.

Tá! Você não entendeu ainda por que você é um Tuareg e ainda menos por que eles são azuis. Calma, moço! Pescaria exige paciência. Já explico. É o seguinte, os Tuareg são um povo nômade que vive na região onde se passa a história do Manu. Eles usam aquela túnica comprida de mil e uma utilidades que protege do calor escaldante do dia e do frio cortante das madrugadas no deserto. A túnica é azul e quando o usuário transpira, umedece a tinta, uma espécie de anil. A cor impregna a pele, deixando-a com tom azulado. Por isso, há séculos, eles são conhecidos como os Homens Azuis do Deserto.

Agora, você é um Tuareg porque encontrei outro Tuareg que é idêntico a você. A mesma pele acobreada, os mesmos lábios de café, os cílios grandes e espessos que dão um charme especialíssimo ao olhar. Sério, mano! Vocês parecem gêmeos.

Quer saber como conheci um Tuareg se nunca estive pelo Norte da África, não é? Foi numa das Áfricas brasileiras. Viajávamos de Salvador para a Boa Morte, em Cachoeira, e nos cruzamos na rodoviária. Do deserto para o Paraguaçu, brinquei.

Uma amiga comum nos apresentou. A princípio rolou uma tensão. Eu e minha velha mania de tentar identificar de onde as pessoas são pelo sotaque. O dele tinha uma coisa rascante em algumas sílabas que lembrou Bernd, amigo alemão. Vixe! O homem virou bicho. Alemão, eu? Não deixei por menos. E os alemães negros? Não sabia da existência deles? Antes que começássemos a brigar, a Silvane jogou água e disse que ele era Tuareg. Rapaz, foi uma emoção enorme e de imediato me lembrei de você.

Baixamos as armas, conversamos um pouco. Eu falei do Manu e disse que só havia visto homens Tuareg em cima de camelos imensos na televisão e talvez por isso imaginasse que eles fossem muito altos. Mas até na altura se parecem contigo, Bodô. São pequenos, do nosso top, os Banto.

Por fim, perguntei de que país ele era e veio a resposta que só poderia vir de um africano de pensamento descolonizado. Eu sou Tuareg! Meu passaporte é do Máli.

De quebra compreendi o imponderável. Do que falo? De você, meu amigo. De suas escolhas futebolísticas. Homem preto, mineiro, sertanejo, tamborzeiro, de esquerda e não é atleticano. E por mal de todos os pecados é cruzeirense. Só pode ser reminiscência da origem Tuareg. Saudações alvinegras, querido.

[PUBLICADO NA REVISTA FÓRUM, N.223, EM 26/11/205. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.REVISTAFORUM.COM.BR/SEMANAL/O-HOMEM-AZUL-DESERTO/](http://www.revistaforum.com.br/semanal/o-homem-azul-deserto/)]

## a janela e o passarinho

Dentro da sala tinha um daqueles jardins suspensos de prédio chic que o motoboy admirava sempre que ia entregar documentos. Pessoal maneiro trabalhava ali, arquitetos e urbanistas descolados.

Absorto, ele mirava o jardim quando ouviu um barulho seco vindo do janelão de vidro, mas não conseguiu perceber o acontecido. Ao finalizar a coleta de assinaturas, já na saída do prédio viu um passarinho estatelado na calçada.

Compreendeu tudo. Inconformado foi até lá e moveu o bichinho para os lados, mexeu no bico, ameaçou uma massagem cardíaca com o fura-bolo e o pai-de-todos, mas o coitado não respirava mais.

Maldisse a necessidade de ostentação de riqueza que enganava os passarinhos, ainda mais com aquele verde e aquelas flores coloridas na parte de dentro da rica parede de vidro.

O motoboy estava desnorteado. Ia embora e deixava o corpo ali ou o levava para enterrar no caminho de casa, à noite? Precisava resolver rápido porque já era hora de voltar ao corre, ainda tinha cinco tarefas a cumprir antes do almoço.

Decide levá-lo para um enterro digno. Quando o toca pela segunda vez, enquanto estuda a melhor forma para acomodar o corpo na mochila recebe uma bicada leve na mão. O motoboy sorri e se lembra da crônica de Drummond lida na escola, quando o passarinho ressuscitava.

Qual nada. A bicada partira de um pássaro tristonho que velava o corpo e ele não tinha percebido. A bichinha, ele já achava que era uma passarinha, não era sozinha na vida. Isso por um lado era bom, mas, e se tivesse uma ninhada e o companheiro estivesse ali pensativo, sentindo a dor da perda, mas também ruminando o futuro dos filhotes desamparados? É muita dor imaginada. O rapaz abraça o capacete e desaba no meio-fio. Despeja muitas lágrimas, quase tantas quanto o número de colegas perdidos em acidentes de trânsito.

Acorda das lembranças quando pingos grossos de chuva espetam-lhe o rosto. E quem continuava ali, de guarda? O passarinho, aparente viúvo. Decide que não seria justo levar o corpo do local. Também não podia deixá-lo na calçada porque seria chutado ou esmagado por pés desatentos, ou mesmo varrido pela limpeza urbana e triturado junto com o lixo.

Não, a passarinha merecia um final digno. O jeito era explicar a situação ao viúvo e fazer uma proposta. Explica. O viúvo aquiesce, grato, pois ele mesmo não sabia o que fazer. O motoboy olha para os lados, certifica-se de que ninguém o observa, arranca uma planta da jardineira mais próxima, faz um buraco, deposita o corpo e coloca a terra em cima, com o máximo cuidado que a pressa permite.

Já perdeu muito tempo de trabalho, limpa a mão na calça, despede-se do viúvo, acelera a moto e vai embora. O passarinho fica por ali bicando a terra, ensaiando outro buraco.

[PUBLICADO NA REVISTA FÓRUM, N. 210, EM 20/08/2015. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.REVISTAFORUM.COM.BR/SEMANAL/JANELA-E-O-PASSARINHO/](http://www.revistaforum.com.br/semanal/janela-e-o-passarinho/)]

## one people, one love!

A voz forte e afinada brotava não se sabe de onde. Era um grito, um uivo. Um lamento. O registro de uma existência.

Na levada do *Reggae* ecoavam confusos pedaços da letra filiada à tradição *Bobvariana*. Parado na sinaleira / rico observa o mundo / limpador de vidro vira mundo / pra sobreviver no caos.

Eu desacelero e olho à volta para descobrir quem canta na manhã ensolarada de domingo. O monturo de lixo se mexe. Emerge de lá, pulando numa perna, ora noutra, uma mulher de *dreads* grossos, pele negra curtida de sol e gordura das sobras dos restaurantes, roupa de sacos de lixo pretos, customizada.

Um luxo!

Tiro os óculos escuros e penso ver Estamira, mas, que nada, é Arthur Bispo e seu rosário desfiando (en)canto para não enlouquecer.

[PUBLICADO NA REVISTA FÓRUM, N.209, EM 13/08/2015. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.REVISTAFORUM.COM.BR/SEMANAL/ONE-PEOPLE-ONE-LOVE/](http://www.revistaforum.com.br/semanal/one-people-one-love/)]

## retrato do brasil pós-racial!

Estranho país era aquele! Havia um rei eleito pelo esporte mais popular do reino que não defendia seu povo. Ao contrário, quando um membro do povo era atacado, alheio à dor, o rei argumentava com olhos marejados, que ataques deveriam ser ignorados. Falar dos problemas e exigir justiça não traria nada de bom, apenas os amplificaria e os tornaria mais insuportáveis. Bom mesmo era silenciar e seguir como burro, de cabeça baixa e olhos vendados.

Naquele país, técnico de futebol chamava a não-aceitação do racismo institucional nas arquibancadas dos jogos de “esparrela” e “armação” do jogador agredido. Denunciante virava algoz e era perseguido pela imprensa. Denunciada tornava-se celebridade com direito a participação em programas de auditório com cabelo repaginado, acolhimento dos profissionais do entretenimento televisivo e bastante tempo para explicar e justificar seu crime, além de conquistar simpatia e cumplicidade do público ávido para inocentá-la e para deixar as coisas como sempre foram. Estudava-se um convite para que a jovem denunciada por atos racistas colaborasse no roteiro de novos episódios da série televisiva “As negras como as vemos.”

Naquelas terras de pretos, durante o passado escravista, uns poucos brancos protegiam os negros rebelados, algumas vezes por compromisso com o humano, noutras por interesses econômicos. Agora os tempos eram outros. Os negros herdeiros dos negreiros, posicionados em universidades e outros lugares sociais de destaque miravam os fatos midiáticos com o objetivo de projetar seus negócios, de enraizá-los no seio da elite, de fazer reverberar a marca da comercialização do ensino em corações e mentes.

Assim, na contramão da história escrita pelos vencidos, os herdeiros do imaginário negreiro aliavam-se aos herdeiros dos vencedores do passado, cuidando da

retaguarda enquanto os generais se recompunham e se armavam. Triste país, aquele.

[PUBLICADO NO SITE GELEDÉS EM 22/09/2014. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.GELEDÉS.ORG.BR/RETRATO-BRASIL-POS-RACIAL/#GS.3CRTQUY](http://www.geledes.org.br/retrato-brasil-pos-racial/#GS.3CRTQUY)]

## o homem comum brasileiro e o bumbum do hulk!

O mundo masculino em suas versões machista e masculinista está em cólicas. Por motivo muito previsível, a exposição na vitrine consumista dos corpos de um belo espécime do gênero, publicamente desejado por milhares de fãs que destacam uma das partes de seu corpo atlético, as nádegas avantajadas, desenhadas e bonitas, incomuns aos homens ordinários.

Mas, sejamos sinceras, a bunda é apenas uma parte, a mulherada quer degustar centímetro por centímetro do corpo do boleiro Hulk e também as características outras que contribuem para aumentar o fetiche despertado pelo guapo, a saber: a tranquilidade para falar; a sagacidade para responder a questiúnculas de repórteres que pretendem fazer chacota dos nordestinos; certa timidez quando seu *sex appeal* é abordado nas coletivas de imprensa; certa economia nos gestos em contraste com o corpo enorme; a lealdade na hora do jogo, ao escolher não pisotear o adversário com o porte físico descomunal. Como é sabido, quando se trata de opção sexo-afetiva, a maioria das mulheres quer saborear o todo, mesmo que enfatize parte.

Os machistas fincaram pé na pré-adolescência, quando perscrutavam o pênis do vizinho no mictório para medir o tamanho. Eles se rasgam de ciúme, inveja e ressentimento porque outro homem que não eles, é desejado.

Eles (em delírio machista) conseguem achar que “têm tudo” o que Hulk tem e as mulheres que endeusam seu corpo e o admiram “sofrem de falta de homem.” Falta que, no ápice do delírio, eles acham que poderiam suprir, já que, para eles, lepolepo é sempre a mesma coisa.

Por sua vez, os masculinistas, machos com algum verniz intelectual, em resposta, sacaram um papo de que as mulheres não poderão mais reclamar da objetificação do corpo da mulher, porque estas estariam objetificando os homens ao enaltecer a bunda do Hulk. Raciocíniozinho tosco: como é possível opor uma ação isolada ou pequena, ínfima (mesmo que certo número de mulheres transforme homens de clubes de mulheres e festas privê em peças de carne para admirar, fantasiar, morder e beliscar) quando comparada a décadas de reificação do corpo da mulher em revistas e cines pornôs, na publicidade de produtos consumidos por homens, nos campos de futebol e outros esportes, nos quais os homens predominam? Décadas de esquarteramento em pedaços para consumo in natura? Outra vez se manifestam o recalque, o ciúme e a inveja, acrescidos da presunção de que para satisfazer uma mulher (independentemente de sua orientação sexual, inclusive), qualquer corpo de homem serve, desde que tenha um pênis, ainda que em precário estado de funcionamento e conservação.

Entretanto, para salvação das mulheres heterossexuais, nem todos os homens são tolos alocados nesses dois grupos. Existem os homens transversalizados pelo feminismo que não se sentem intimidados pela corporeidade fulgurante de outro homem, não estão nem aí para ela. Homens que não estão em disputa com o Hulk, porque o boleiro-guapo tem seus dotes e cada homem seguro tem os próprios. Homens que não se importam que as mulheres, mesmo as que estão a seu lado, desejem outros homens, porque, afinal, eles também desejam outras mulheres e isso é uma questão íntima de cada pessoa. Homens que compreendem que as mulheres têm o direito de tornar públicas suas fantasias, predileções, de explicitar seus desejos, de dar nome ao que gostam e como gostam.

Homens que riem dos machos que, ao ler essa crônica, vão chamá-los de “veados” e afirmarão que homem-macho que se preza continua querendo a mulher no chinelo. Só restará o riso de escárnio, porque, homem de valor gosta de mulheres, gosta mesmo, de preferência, felizes, plenas e satisfeitas.

[PUBLICADO NO BLOG DA CIDINHA EM 19/06/2014. DISPONÍVEL EM: [HTTP://CIDINHADASILVA.BLOGSPOT.COM.BR/2014/06/O-HOMEM-COMUM-BRASILEIRO-E-O-BUMBUM-DO.HTML](http://CIDINHADASILVA.BLOGSPOT.COM.BR/2014/06/O-HOMEM-COMUM-BRASILEIRO-E-O-BUMBUM-DO.HTML). PUBLICADO TAMBÉM NO SITE GELEDÉS EM 22/06/2014. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.GELEDES.ORG.BR/O-BRASILEIRO-COMUM-E-O-BUMBUM-HULK/#GS.D86FQAS](http://WWW.GELEDES.ORG.BR/O-BRASILEIRO-COMUM-E-O-BUMBUM-HULK/#GS.D86FQAS)]

## Você não vale nada, mas eu gosto de você

A casa vivia uma movimentação nova. O marido resolvera atender aos pedidos dela, mesmo achando a obra desnecessária. A filha, arquiteta, dera forma aos desejos da mãe. Cozinha americana, balcão para tomar vinho com o marido e para fazer refeições rápidas na parte de baixo do sobrado. Pintura nova na casa toda, incluindo os quartos na parte superior.

Dirce estava animada com a obra. Sacos de cimento, areia lavada, latas de tinta, a risaiada dos rapazes que falavam alto sobre mulheres e aventuras sexuais e deixavam o riso frouxo nos momentos mais picantes da conversa.

Os rapazes, aliás, um monte de músculos tesos camuflados pelos farrapos que vestiam, causavam-lhe picos de calor, como não sentia desde a menopausa. Eram negros e dos negros dizem tantas coisas. Ela juntava o que via e o que ouvia e suave como a cinquentona que deixara de ser, já fazia vinte anos.

Os rapazes nem notavam a existência daquela mulher, mas o mestre da obra, um sergipano mestiço, longe de se achar negro, observava tudo. Ao longo do dia, enquanto o marido trabalhava na banca de revistas frequentada pelas moscas do centro velho, o mestre puxava conversa com Dirce.

Deixou o dona de lado e passou a chama-la de vovó. Perguntava: A senhora sabe a diferença entre areia-areia e areia lavada, vovó? E explicava com ares de professor. Interessava-se pelas coisas do mundo doméstico; estou vendo a senhora picar um monte de verduras, vovó, que comida gostosa vai cozinhar hoje? E fazia também mil perguntas sobre detalhes da obra e satisfação da cliente. Sempre solícito, atencioso.

Numa manhã qualquer, quando o mestre teve certeza de que Dirce ansiava pelas atenções dele, mesmo que ainda tivesse os olhos vidrados no corpo dos ajudantes, fingindo-se distraído, chamou-a de você. Deu certo. Ela gostou. Sentiu-se rejuvenescida.

Daí em diante ele não mais a chamou de senhora. Começou também a fazer perguntas mais pessoais, coisas sobre a mocidade, sobre a vida antes do casamento, antes dos filhos.

Dirce cantava. Era afinada, porém excessivamente dramática. O repertório eram as músicas do Cd *Per amore*, da Zizi. Parecia que se imaginava nas gôndolas de Veneza, conhecidas apenas por fotografia.

Renovada, numa noite quente, cantou um *rit* do rádio. Forró com letra de duplo sentido que aconselhava à mulher da canção, “chupa que é de uva” e logo depois “chupa que é de menta”. O marido achou que naquela fumaça de mudança de repertório havia fogo de mulher escondido. Agarrou-a pelas costas naquele encaixe tosco de furadeira empenada. Ela respondeu no susto com um pisão no pé do homem, bem naquele calo que não lhe permitia mais usar sapatos, só sandálias franciscanas. Para completar, Dirce derrubou o copo do liquidificador em que reunia os ingredientes do molho *pesto*.

Na noite seguinte, Dirce cantou o mesmo forró enquanto preparava o jantar. O marido, vingativo e infeliz cantou de volta: Você não vale nada, mas eu gosto de você /Você não vale nada, mas eu gosto de você /Tudo o que eu queria era saber por que...

O outro dia começou como sempre começavam os dias. Ela colocou a mesa. Ele tomou o café forte. Despediu-se dela com um beijo melado na testa. Dirce que sempre disfarçava para secar a testa babujada, dessa vez o fez na frente do marido.

Às 6:45 ele saiu de casa. Foi caminhando seu passinho pesado até a banca. Aos poucos venceria os dez quarteirões.

Às 7:00 a dona da casa ouviu um assovio. Era o mestre de obras. Ele entra, dá bom dia. Ela se frustra um pouco, esperava um afago qualquer. Ele avisa que liberou os meninos para chegarem às 8:00. Mentira, combinou com eles de darem as caras às 9:00, mas era bom a velha achar que o tempo era curto.

Conversaram assuntos diversos regados a risos nervosos e ansiosos da parte dela, gargalhadas dele. Ela nota uma cicatriz na coxa peluda. O mestre coloca a mão da vovó sobre o queleide. Isso foi um coice de jumenta, explica. Conta que foi enrabá-la e a bichinha se assustou. Com o quê? Ela pergunta. Espera aí que já lhe mostro, vovó.

Os dois já eram um corpo só, ela na frente e ele atrás, desajeitados sobre a pia da cozinha. Alguém abre a porta da sala. Os meninos não eram. É tudo o que ele consegue pensar. Falta o ar, o chão. Falta tempo para raciocinar.

Quando o marido vê a cena, grita sem surpresa: Francamente, Dirzinha, pensei que você já tivesse sossegado esse fogo no rabo! Mas, com um paraíba? E pam! Pam! Bate a porta.

[TEXTO INÉDITO]

